

Fotografia: Uma Investigação Sobre Seu Ensino em Espaços Não Formais

Henrique Augusto Nunes Teixeira¹

Resumo

Este artigo consiste em uma investigação teórica acerca do ensino de fotografia enquanto arte em ambientes não formais. Articula a questão contemporânea da imagem ligada à tecnologia e a dimensão desse problema para o ensino de arte. Apresenta um breve panorama sobre teorias da imagem, articulado pela revolução tecnológica paradigmática e cita a experiência de ensino em arte em espaços não formais como possível campo de atuação do arte/educador comprometido com uma pedagogia educacional para a libertação. Esses elementos se configuraram no texto em um campo de pesquisa em arte/educação dentro de tecnologias da imagem. **Palavras-chave:** Fotografia, tecnologia, educação não-formal.

Abstract

This paper consists in a both practical and theoretical investigation on photograph teaching as art in non standard educational environments. The text articulates contemporary issues concerning image, technology and the implication of those problems in art's education. It presents a short overview about image theories articulated by the technology revolution paradigm shift and reflects on the non-standard environments art teaching experiences as a possible field for the art's educator work, especially those engaged with empowerment pedagogies. **Keywords:** Photography, technologies, non standard education.

“...provocar o entusiasmo pela fotografia e pela arte de fotografar em termos de expressão pessoal. Existe gente demais fazendo somente o que lhes disseram para fazer. A maior satisfação que podemos obter da fotografia está na realização do nosso potencial individual, na percepção única de algo e em sua expressão por meio da compreensão dos instrumentos. Tire proveito de tudo; não se deixe dominar por nada, a não ser por suas próprias convicções...”
(ADAMS, 2000:14,15)

Reflexões Através da Fotografia

Em uma realidade cada vez mais costurada em rede, onde os fatos se articulam de forma relacional, é importante uma vista geral de nosso momento civilizatório. A época de hoje é herdeira do neo-liberalismo e vive dentro de parâmetros sócio-culturais implementados dentro de sua ordem de pensamento. Um dos aspectos mais importantes dessa ideologia é o encolhimento do estado e a auto-regulação da economia, das iniciativas empresariais corporativas como motor propulsor da organização social.

A educação formal está, historicamente, associada ao poder regulador estatal. Foi através da criação dos estados nacionais, do pensamento iluminista (e posteriormente positivista) que se articularam as iniciativas educacionais universais: isto é, a educação para todos está intimamente ligada a um estado para todos.

Com o encolhimento da presença ideológica e efetiva da participação do estado na vida cotidiana da população, sentido a partir de fatos tangíveis como privatizações de serviços antes prestados pelo poder centralizados, está sendo estabelecida as condições neo-liberais do corporativismo/empreendedorismo. O setor privado assume a iniciativa em várias frentes, dentre elas a educação. As propostas educacionais, então, se comprometem com uma rede complexa de interesses: a aquisição de habilidades funcionais para melhor preparar a mão de obra empregada no setor privado, amansamento cultural (MACEDO 2008) para aliviar as dicotomias excludentes do sistema, e mais raramente, uma formação humanista-libertária.

Paralelo a esse fenômeno, é observada a expansão destas iniciativas educacionais não formais através do crescimento deste chamado terceiro setor. Em Belo Horizonte dados estatísticos apontam que mais de 1,3% do PIB da capital é gerado neste seguimento. Em números brutos, há mais pessoas empregadas em atividades correlatas a projetos do terceiro setor do que na indústria da mineração (MACEDO 2008).

O Terceiro Setor hoje se mostra como um novo e importante espaço para a arte e, mais precisamente, para o ensino da arte. Isso fica evidente em notícias que circulam na mídia e na imprensa especializada, que já se reconfigurou para abarcar essa área através de novas editorias e suplementos em jornais, além de publicações avulsas e uma diversidade de sites e artigos que circulam na Web com foco exclusivo no Terceiro Setor. (...)A arte como um caminho alternativo e de sucesso para a inclusão social é hoje quase um senso comum, constantemente reforçado pela mídia, que veicula com grande frequência cenas de crianças e jovens exibindo suas produções artísticas. Não raramente, essas produções são apresentadas como um passaporte – talvez o único - que as legitimam como sujeitos sociais. (MACEDO 2008:44)

É aí que surge a educação filha do terceiro setor. Se vivemos um momento de expansão da educação não-formal é graças as demandas criadas pelos interesses múltiplos da iniciativa privada e/ou de um estado encolhido comprometido com estes interesses. As propostas educacionais, a partir de projetos fora da rede formal, em geral, têm como preocupações fundamentais o retorno a seus patrocinadores. Este retorno é esperado a partir do marketing cultural eficiente implícito nas produções geradas como resultados das diversas atividades propostas. A arte entra, então, como ferramenta para gerar atrativos produtos culturais (fotos, pinturas, artesanatos, etc...). Esses artefatos possuem um caráter muito mais comunicativo - pois divulgam a responsabilidade social de seus patrocinadores – do que propriamente artísticos no sentido expressivo-libertário. Há uma inversão funcionalizante de tudo aquilo que as iniciativas educacionais em arte educação consideram como relevante, prioritário e fundamental.

Seguindo a lógica de demanda de mercado, a fotografia como temática de projetos, é cada vez mais requisitada. A elaboração de fotografias gera, com relativa facilidade, os produtos culturais necessários para atingir os objetivos das propostas educacionais dos projetos de educação não formal em arte citados anteriormente. Há também a sedução gerada pelo fetiche com relação ao equipamento fotográfico e sua tecnologia. E ainda há o fato de que as imagens fotográficas estão em várias estâncias da vida cotidiana (FABRIS, 2004).

Criticar essas intervenções que se valem da fotografia a partir da arte/educação pode apontar maneiras de infiltrar estes espaços com um pensamento educacional verdadeiramente comprometido com outro projeto de realidade mais digna e igualitária.

Estratégias em Arte/Educação: Novo Paradigma da Imagem

Jaques Aumont, em seu livro *A imagem*, indaga sobre a possibilidade de estarmos imersos em uma pretensa civilização calcada no visual.

As imagens, isso é inegável, há mais de 100 anos multiplicaram-se quantitativamente em proporções impressionantes e sempre crescentes. Além disso, percebemos que essas imagens invadem nossa vida cotidiana, que seu fluxo não pode ser contido (AUMONT, 1993. pp. 313-314).

A visualidade se encontra além da comunicação, da história e da arte; está a um só tempo dentro e fora dos campos de sistematização do conhecimento e os perpassa. Profundamente modificada pelo advento fotográfico, a partir da segunda metade do século XX é de forma definitiva trespassada pela questão técnica da ordem do digital, numérico – info-visual. Dentro do território da imagem é imprescindível o aprofundamento das reflexões sobre sua constituição, origem, fabricação e fruição.

Inscrita neste território imenso, está a fotografia. Ela traz em sua aparência externa semelhança com a realidade (BARTHES, 2002). Entretanto, ao ser observada de perto, no lugar onde residia o grão de prata há o pixel com sua rigidez peculiar. São imagens captadas através de objetivas, como as de base material. Entretanto, as formas de fruir e o ato de fazer visível são distintos: outros dispositivos (computador, minilab, internet) se fazem necessários para complementar o processo. A revelação do químico dá lugar ao re-velado digital, onde camadas de uso e manipulação se sobrepõem, criando leituras múltiplas.

Imagens das quais a *passibilidade*² da fruição estética é transferida do contato em si com o objeto para uma dimensionalidade imagética, cognitiva. Em outras palavras, dentro da experiência visual, a relação de um alguém (o arcaico sujeito) com um objeto sai do plano da materialidade da produção para uma relação em pensamento. Um modelo informacional posa para a apreciação de um usuário-observador em um mundo regido por códigos pré-definidos. “Virtualizando objetos, elas (as imagens) inventam necessariamente novas modalidades para defini-los e animá-los, constituindo um novo espaço de percepção em que ver, falar, mover, sentir recompõem suas operações” (GUILMARÃES, 2002, p. 118).

Como decifrar a realidade imagética contemporânea tal como esta se coloca? Ou como se relacionar com essa imagem? Ou ainda: como estabelecer uma relação dialética, consciente, cognitivamente ativa (no sentido em que seja inteligente, ativa, reativa, co-criativa) com a visualidade dentro desse contexto? A fotografia, revisitada segundo seus problemas novos e antigos, implica em uma nova postura do fruidor e daquele que educa (ato considerado em seu aspecto lato: educar a si mesmo bem como o outro para seu contato imagético com o mundo). A arte/educação através da fotografia é campo

fértil para o empoderamento do ser humano dentro deste contexto.

Paralelo a crescente demanda por intervenções arte/educativas em espaços não formais, é observado o tensionamento da arte/educação no ensino formal. O sistema educacional formal enfrenta, historicamente (BARBOSA 1998) limitações políticas, sociais e culturais profundas. Limitações essas exacerbadas pela novo paradigma tecnológico que permeia todos os aspectos da civilização e interfere na consciência humana em escala planetária.

A mudança do funcionamento da consciência causada pela relação sujeito-dispositivo tecnológico, posterior ao modernismo, a reprodutibilidade técnica da imagem (BENJAMIN, 1975) e os movimentos artísticos pós-modernos (ARCHER 2001) implicam em uma redefinição de como desenvolver a faculdade de perceber e se relacionar com a imagem. O artista/educador, nesse regime, lida com o novo humano, fruto da conformação tecnológica. Ignorá-la é condenar o usuário-fruidor ao abismo civilizatório. O ser e suas subjetividades são agora interpenetrados por redes (PIMENTEL 2002). Essas redes, compostas por relações de várias ordens, são percebidas em especial na visualidade. Acríticos, assim como apáticos, aqueles que não desenvolverem sua educação perceptiva e autonomia imaginativa estão fadados a reproduzir ideologias e servirem às instâncias de opressão social.

A relação do fruidor contemporâneo com a imagem dificilmente pode ser definida como uma interlocução, pois não há ambiência cultural que a permita. A imagem que se coloca hoje quer sempre algo, ela deseja. À guisa de exemplificação, existem milhares de fotos trafegando em redes de relacionamento, tais como Orkut, manifestando esses conceitos. E tais imagens, por exemplo as milhares de poses com o famoso v de vitória dos dedos adolescentes, manifestam um pastiche cultural, conceitual, reafirmando que “vivemos na reprodução indefinida de ideais, fantasmas, de imagens, de sonhos que doravante ficaram para trás” e causando um efeito como consequência: “devemos reproduzir numa espécie de indiferença fatal” (BAUDRILLARD, 1992, p.10).

Educar em meio à indiferença, especialmente no que tange a percepção crítica do visual, é tarefa inviável. Não obstante as

reproduções exaustivas e seus esvaziamentos de sentidos, se configura uma outra lógica: o próprio esvaziamento de sentido, por si mesmo, já gera um outro sentido.

A fragmentação colocada, a dispersão imagética, a crise da faculdade de julgar³. Características da imagem, características da relação atual do humano com a imagem. O artista/educador está inserto nesse sistema e deve entender que “Vivemos hoje, inegavelmente, sob o julgo das imagens.” [...] “A maioria das pessoas parece acreditar que a imagem, qualquer imagem, reflete essa ordem de coisas a que se costuma dar o nome de realidade” (PINTO, 2002, p. 61). para poder contribuir com a autonomia crítica do fruidor.

No mundo da realidade vimos durante várias décadas à disseminação de micro-histórias diabólicas destinadas à massa (...) mensagens sofisticadas carregadas dos mais ambíguos e sedutores apelos na sua proposta de alcançar o maior consumo possível, uma proposta que visa lucros não importando os meios. E isto é real. A ficção é o artifício. A morte o ultimo ato (KOSSOY, 2000, p. 53).

Heranças Educacionais

Finalizada a primeira década do século XXI, é possível olhar para o panorama recente das lutas históricas pelo estabelecimento da arte/educação no Brasil e considerar alguns pontos. Avanços legais como o estabelecimento da Lei de diretrizes e bases Nacional de 1996 (Lei no 9.394/96) e os Parâmetros Nacionais curriculares 31 garantiram amparo a área como campo de conhecimento. Entretanto a realidade escolar ainda é distante de práticas comprometidas com o desenvolvimento pleno/autônomo/libertário do ser humano. A arte/educação no Brasil em seu âmbito formal é permeada de resquícios de positivismo (pois é funcionalizada para o vestibular), tecnicismo (através de leituras pseudo-interdisciplinares) e livre-expressão (pária das disciplinas escolares, delegada a profissionais que não tem formação específica na área recorrendo quase sempre ao uso da livre-expressão como alternativa rasa ao conhecimento proscrito).

Se na educação formal há um déficit de uma prática em arte/educação competente

com formação e abordagens específicas, na educação não formal o vazio é maior ainda, pois não há nem a orientação legal para se amparar. Ainda há muito pouco conhecimento sistematizado disponível para servir de referência para as atuações em arte/educação em espaços não formais.

Ao estudarmos a educação não formal desenvolvida junto a grupos sociais organizados ou movimentos sociais devemos estar atentos para as questões das metodologias e modos de funcionamento, por serem um dos aspectos mais relevantes do processo de aprendizagem. Há necessidades de estudos aprofundados sobre as metodologias de trabalho utilizados na área de educação não-formal. (GOHN, 2005, p. 105.)

Problema

Finalmente é posto o que aqui é entendido o epicentro da crise imagética: as intervenções em arte/educação através da fotografia em espaços não formais raramente convidam a uma reflexão, a uma experiência em arte, a uma relação meditativa onde é possível acontecer a imaginação cognitiva. Rotineiramente são atreladas a interesses funcionais (objetivos e interesses comprometidos com alógica capitalista) e despotencializadas enquanto expressão.

Há, na prática, um esvaziamento do seu papel transformador, na medida em que trabalham a partir da bandeira da arte/educação e não têm um entendimento do que isso significa. Em alguns Projetos Sociais que atuam com arte – em suas mais diversas expressões – a arte tem autonomia, aproxima, dialoga, provoca, mobiliza e faz sentido no processo educativo, mas não avança além das ações imediatas. Os poucos momentos em que a arte é abarcada como área de conhecimento passam despercebidos e não são potencializados, ou seja, na maioria das vezes a demanda fica no limite da produção. (MACEDO, 2008:58)

O ser despojado de sua identidade perde a capacidade de elaborar cognitivamente a presença da imagem. Há pouca potência imaginativa, a percepção está saturada, exposta a fluxos contínuos. As formas do visível, hoje,

são múltiplas: imagens-síntese, especulares, info-imagens, pictóricas, fotográficas... Nossa percepção está em cheque: da ótica vem a moldura e da contemporaneidade, os fluxos. Imagens profundamente híbridas mesclam mundos abstratos e codificados ao regime do visível, se multiplicando através dos diversos aparelhos de produção e circulação. Aquilo que se vê modifica as formas de apreender.

Desdobramentos e Reflexões Finais

Pode-se esquematizar, três aspectos fundamentais para desdobramentos ante estas questões:

A - A franca expansão de projetos no terceiro setor que utilizam da bandeira da arte/educação e especificamente do ensino da fotografia, sem uma reflexão aprofundada da arte como campo de conhecimento.

B - As novas implicações contemporâneas da imagem e a necessidade do *empoderamento* do ser humano para lidar com estas mudanças.

C - A necessidade de consolidar abordagens competentes em arte/educação aplicáveis em situações de ensino não formal.

Referências Bibliográficas

- ADAMS, Ansel. A câmera / Ansel Adams com a colaboração de Robert Baker; (tradução Alexandre Roberto de Carvalho). São Paulo: Editora SENAC, 2000.
- AUMONT, Jacques. A Imagem. Ed. Papirus, São Paulo, Brazil, 1993. (Título Original em francês: L'image. Éditions Nathan, 1990)
- BARBOSA, Ana Mae. Tópicos Utópicos. 1 edição. Belo Horizonte: C/Arte, 1998.
- BAUDRILLARD, Jean. A transparência do Mal – Ensaio sobre os fenômenos extremos. Tradução de Estela dos Santos Abreu. 1992
- BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. In: Obras Escolhidas, vol 1 (Magia e Técnica, Arte e Política). Trad. Sérgio Porto Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1985
- DEBRAY, Régis. Vida e morte da imagem: uma história do olhar no ocidente. Petrópolis: Vozes. 1993.
- DUBOIS, Philippe. O ato fotográfico e outros ensaios. Campinas: Papirus, 1993
- EFLAND, Arthur D. Emerging visions of art education: Art Education for 21 st century. New York: Press, 2003.
- FABRIS, Annateresa. Identidades virtuais: uma leitura do retrato fotográfico. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2004.
- FLUSSER, Vilém. Filosofia da caixa preta: Ensaio para uma filosofia da fotografia. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.
- FREIRE, P. Educação como prática da liberdade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- GOHN, G. Maria. Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas, Ensaio:aval.pol. públ.Educ.,Rio de Janeiro,v.14,n.50,p.27-38,jan./mar.2006. <http://www.scielo.br/pdf/ensaio/v14n50/30405.pdf> . Acesso em: 04 Abr. 2010.
- GRUZINSKI, Serge. La guerra de las imágenes: de Cristóbal Colón a “Blade Runner” (1492-2019). Mexico City: Fondo de Cultura Económica, 1994.
- GUIMARAES, César. O novo regime do visível e as imagens digitais. In: NOVA,Vera Casa; VAZ Paulo Bernado (org). Estação imagem. Editora Ufmg, Belo Horizonte. 2002
- KOSSOY, Boris. Os tempos da fotografia: O Efêmero e o Perpétuo. Cotia: Ateliê Editorial, 2007.
- KOSSOY, Boris. Realidades e ficções na trama fotográfica. 3ªed. Cotia: Ateliê Editorial, 2002.
- LYOTARD, J-F. A condição pós-moderna. 5 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1992.
- MACEDO, Juliana Gouthier. Inventário e Partilha. Dissertação (mestrado). Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Belas Artes. 2008.
- MACHADO, A. A fotografia sob o impacto da eletrônica. in: SAMAIN, Etienne. (Org.) O Fotográfico São Paulo: Hucitec, 1998.
- PEREIRA, Ferdinand Cavalcante. O que é Empoderamento. Último acesso ao site no dia 06 de abril de 2010. <http://www.fapepi.pi.gov.br/novafapepi/sapiencia8/artigos1.php> 2006.
- PIMENTEL, Lúcia Gouvêa. Arte e tecnologias contemporâneas: do subjetivo ao multicultural in: O Visível na Arte atual. Ciclo internacional de palestras/CEIA. Belo Horizonte: Centro de experimentação

e informação de arte, 2002.

PIMENTEL, Lucia Gouvêa. Limites em expansão - licenciatura em artes visuais. Belo Horizonte: C/Arte, 1999.

QUÉAU, Philippe. O tempo do virtual in:PARENTE, André (org.) Imagem-Máquina: A era das tecnologias do virtual, Ed. 34., 1993

SAMAIN, E. Um retorno á câmara clara. Roland Barthes e antropologia visual. in SAMAIN, Etienne. (Org.) O Fotográfico São Paulo: Hucitec, 1998.

Notas

- 1 - henritex@gmail.com - Escola de Belas Artes / UFMG
- 2 - Referência a estética de Kant.
- 3- Referência a Crítica da Faculdade de Julgar, texto referência da filosofia estética de autoria de Emanuel Kant (1724-1804).
- 4 - Empoderamento, apropriação do termo Empowerment. Para mais informações consultar PEREIRA, 2006.

1